

VITÓRIA: COTAS ÉTNICO-RACIAIS APROVADAS NA USP!!

Em um dia histórico, a contragosto da reitoria da USP, na reunião do Conselho Universitário do dia 04/07, foram aprovadas as cotas raciais nesta, que foi uma universidade que durante anos se recusou a implementar as cotas. A sessão de anteontem do Co pautou as formas de ingresso na USP. Na proposta original da reitoria, aprovada no Conselho de Graduação, estava prevista a reserva de vagas para alunos de escola pública de forma escalonada, sendo 37% em 2018, 40% em 2019, 45% em 2020 e 50% em 2021, mas sem NENHUMA MENÇÃO A CRITÉRIOS ÉTNICO-RACIAIS para o ingresso.

Esta proposta da reitoria ignorava a reivindicação histórica do movimento negro, que defende a adoção de cotas étnico-raciais como um passo para combater o profundo racismo existente no Brasil, o maior país negro fora da África, e onde os negros sofreram com séculos de escravidão sendo submetidos às condições mais sub-humanas de tratamento. Como fruto de uma luta de décadas do movimento negro de dentro e de fora da universidade, as cotas raciais foram reconhecidas pelo governo federal desde 2012 (Lei nº 12.711/2012) e foram adotadas em várias universidades federais. A Unesp adotou as cotas raciais desde 2013, a Unicamp em 2017, tornando a USP a única das três universidades estaduais onde não existia qualquer mecanismo de cotas.

A proposta aprovada no Co por 75 votos a favor, 8 contrários, e 9 abstenções, prevê que do total de vagas do vestibular da USP serão reservados um percentual de vagas para alunos de escola pública, sendo que no ano de 2018 serão 37% do total de vagas da USP e chegando a 50% em 2021. Dentro das vagas reservadas para alunos de escolas públicas serão reservados 37,2% para alunos auto-declarados pretos, pardos ou indígenas (percentual de negros e indígenas no estado de SP), uma conquista histórica para o movimento negro e para todo o movimento de estudantes, trabalhadores e professores. Bruno Gilga (representante dos trabalhadores no Co), e outros representantes do movimento defenderam a proposta de que a porcentagem de 37,2% fosse aplicada sobre a totalidade das vagas. Esta proposta perdeu por apenas 9 votos (43 contrários e 34 favoráveis).

O resultado desta votação foi fruto de muitos anos de luta do movimento negro, que nos últimos anos foi assumido de forma unitária pelos professores, estudantes e trabalhadores da USP que vem denunciando o caráter profundamente racista desta universidade que hoje têm apenas cerca de 9,4 % de estudantes negros e apenas 27 professores negros entre 5 mil docentes.

Precisamos conquistar a permanência estudantil para que todos os estudantes possam se manter, avançar na implementação de cotas também na pós-graduação, nos concursos de contratação de professores e trabalhadores, e seguir rumo ao fim do vestibular.



RACISTAS NÃO PASSARÃO!!

EM TROCA DA DESVINCULAÇÃO DO HRAC, CO “CRIA” CURSO DE MEDICINA DESEJADO POR ALCKMIN

Na reunião do dia 4 de julho, o Conselho Universitário aprovou a criação de um novo curso de medicina, na Faculdade de Odontologia de Bauru. Qualquer um ficaria contente com a criação de um novo curso. E qualquer um deve estranhar a reitoria criar um novo curso quando não para de repetir que está sem dinheiro. E a reitoria ainda defendeu fazer isso pra economizar dinheiro! A questão é que não tem nada sendo realmente criado. Nada vai ser construído, comprado, e quase ninguém vai ser contratado. Ao contrário, muita coisa vai ser destruída.

A questão é que a desvinculação do HRAC foi aprovada pelo CO, num golpe contra a universidade, e desde então o reitor busca que o hospital seja assumido pelo governo. E agora Alckmin deu uma “oportunidade” para Zago, nas suas próprias palavras. Mas, pra que o estado assuma o HRAC, a USP teria que criar um novo curso de medicina em Bauru, já esse ano, pra ter sua primeira turma no ano que vem. Assim Alckmin pode fazer sua propaganda, em ano eleitoral, sobre a criação de um curso de medicina.

Mas o curso não está sendo realmente criado, pois serão contratados somente 10 professores! E nos ano seguinte somente outros 10! Pra se ter ideia do quanto isso é insuficiente, os outros cursos de medicina, que tem somente o dobro de aluno que esse curso terá, têm quase 400 professores! O projeto diz que faculdades de São Paulo e Ribeirão Preto irão apoiar a criação do curso. Quer dizer que a USP não repõe professores, e quer convencer de que os que existem vão se dividir entre duas faculdades a centenas de quilômetros? Está claro que será um curso totalmente precarizado, como inclusive os Centros Acadêmicos das faculdades de medicina de São Paulo e Ribeirão Preto denunciaram, assim como vários professores. Mas para a campanha eleitoral de Alckmin, serve.

O objetivo principal é se livrar de vez do HRAC, e destruir a história de 50 anos do Centrinho, no atendimento de dezenas de milhares de pacientes, como principal referência nacional e latino-americana na reabilitação de anomalias crânio-faciais, recuperando a qualidade de vida de incontáveis crianças e famílias. Uma assistência a que o reitor Zago, na reunião, se referiu como “luxo”. E que o próprio projeto aprovado ontem já diz que agora passará para a secretaria do Estado – que, como outros membros do CO explicaram, não vai investir mais nada no hospital -, e que desse modo será assumido por uma Organização Social de Saúde ou Fundação Privada, ou seja, será precarizado e privatizado. A diretora da FOB e do HRAC, Maria Aparecida Machado, ainda disse que isso seria em nome dos interesses dos pacientes! Um completo absurdo!

O HRAC [Centrinho] não passou para a Secretaria de Saúde do Estado, o Centrinho acabou.

GUARDA UNIVERSITÁRIA EM EXTINÇÃO

O Prof. Visentin, Superintendente da Guarda Universitária extinguiu autoritariamente o Turno Noturno (3º Turno) da Guarda Universitária, do Quadrilátero da Saúde, que foi palco de bárbaros estupros de estudantes e assédios sexuais, sob os argumentos, inclusive em ação judicial, de que esta extinção se deu “em razão da ausência de atendimento ao público, estudantes, professores, etc...”, pois neste local à noite é tudo tranquilo, onde apenas um funcionário da guarda universitário, que trabalha no Parque Cientec, passa por lá alguns minutos, verifica se está tudo em ordem e vai embora.

No quadrilátero da saúde, através da Prefeitura daquele Campus, foi adotada uma política de segurança preventiva, discutida entre professores, estudantes e a guarda universitária, mas Visentin com seu autoritarismo, acaba com o Turno Noturno, sem comunicar sequer a Prefeitura, dizendo que a “melhor política de segurança é aquela da terra dele”. Se a memória ainda existe neste país, a terra dele é Minas Gerais, um Estado lindo, maravilhoso de gente boa, mas lá há

segurança da burguesia se faz expulsando e matando mendigos, queimando pobres e explorando, através do latifundiário com as armas nas mãos, os trabalhadores. A política de Segurança de Visentin são as “armas nas mãos”, oprimindo trabalhador e defendendo a burguesia, por isto ele coloca a Polícia Militar dentro do Campus, com controle rígido sobre os pobres e prendendo trabalhador.

A USP se comprometeu na CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, quando das denúncias de estupros de mulheres no quadrilátero, a dar Segurança de qualidade a todos os(as) usuários (as) das unidades ali instaladas e, com esta atitude de Visentin, rompe este compromisso.

Diante dos fatos só nos resta, realizar a denúncia novamente na Assembleia Legislativa, pois o Quadrilátero da Saúde está aberto para a bandidagem, estupradores e inclusive Caixas Eletrônicos à disposição do crime organizado.

Exigimos o retorno do 3º Turno da Guarda Universitária naquele local, IMEDIATAMENTE.

REINTEGRAÇÃO DE BRANDÃO E RETIRADA DOS PROCESSOS!